

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COURO, 1996 A 2003¹

José Venâncio de Resende²
Luís Henrique Perez³

1 - INTRODUÇÃO

A produção mundial de couro aumentou de 304,9 milhões de unidades, em 1995, para 329,75 milhões de unidades em 2003. Já a participação do couro brasileiro no total mundial saltou de 8,86% (produção de 27 milhões de unidades) para 10,77% (35,5 milhões de unidades). Porém, enquanto os rebanhos bovinos brasileiro, chinês e indiano têm crescido nos últimos anos, apenas China (288%) e Brasil (57%) apresentaram evolução significativa na produção de couro entre 1991 e 2003. O crescimento da produção de couro indiano foi proporcional ao crescimento do rebanho (ao redor de 12%). Já no Brasil os abates aumentaram 51%, mais do que o crescimento do rebanho (20%), e na China o rebanho cresceu 25%, menos do que os abates e a conseqüente produção de couro (289%). A participação brasileira no mercado internacional de couro tende a crescer por causa do contínuo aumento tanto do rebanho bovino quanto da demanda pela carne nacional. Assim, o Brasil deverá tornar-se o maior fornecedor mundial de couro e o setor curtidor nacional está preparado para assumir essa liderança, já que possui capacidade instalada para a produção de 42 milhões de couros acabados, trabalhando em três turnos (REVISTA COUROBUSINESS, 2004).

A internacionalização do couro brasileiro é consistente, sustentada e definitiva, seguindo a estratégia setorial de nunca ter como foco a política de exportação de excedentes, como ocorreu em outros segmentos da economia nacional em passado recente. A produção é suficiente para suprir o mercado interno e atender a crescente demanda externa. Tanto que o mercado interno vem sendo abastecido, desde 1988, com 19 milhões de couro/ano, em média, enquanto a oferta

de couro, resultado dos abates bovinos, cresceu 51%, para 35,5 milhões de unidades/ano. A participação brasileira no mercado internacional ocorreu basicamente com o couro de maior valor agregado (*crust* e acabado), até meados dos anos 90s, quando o *wet blue* (couro banhado com água e cloro logo após ser retirado da carcaça do boi) passou a ser mais demandado principalmente pela Itália. A partir de 2001, com a aplicação da alíquota de 9% do Imposto de Exportação sobre o *wet blue*, os couros *crust* e acabado retomaram sua curva de crescimento, estabelecendo certa estabilização na exportação física do couro *wet blue*. Assim, as exportações físicas do couro acabado, por exemplo, cresceram 245% entre 2000 e 2003, enquanto a geração de divisas aumentou 238%. No mesmo período, as exportações de couro *wet blue* cresceram 28% em volume e caíram 8% em dólar. Inferre-se, por esses resultados, que a incidência de Imposto de Exportação, com alíquota de 9%, sobre o couro *wet blue* tenha contribuído para a agregação de valor nas exportações de couro. Por outro lado, outros mercados criam dificuldades para o acesso de produtos brasileiros de maior valor agregado, como a União Européia, que aplica alíquota de 6,5% sobre couros *crust* e acabado (REVISTA COUROBUSINESS, 2004).

A restrição ao envio da matéria-prima brasileira a outros países é imposta atualmente com uma alíquota de 7% do Imposto de Exportação, a qual deverá ser reduzida a zero em janeiro de 2006 dentro de um cronograma de desgravação. Outros países utilizam tipos de restrição sobre o produto couro, como políticas tarifárias ou não-tarifárias, que possibilitam agregação de valor em seus territórios, como os casos de Argentina, Rússia, China e Índia (REVISTA COUROBUSINESS, 2004).

Representantes da cadeia produtiva do couro, reunidos no Fórum Senac do Couro em Porto Alegre (RS), concluíram que o produto brasileiro ainda é muito desvalorizado pela falta de qualidade. Enquanto o *wet blue* brasileiro vale em média US\$32 por peça, o norte-americano rende

¹Registrado no CCTC n. IE-63/2004.

²Jornalista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

US\$ 52 no mercado internacional. O produtor não vai cuidar do couro enquanto não for remunerado, conforme alerta Antenor Nogueira, presidente do Fórum Nacional Permanente de Pecuária de Corte da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Ele defende o pagamento em separado pelo couro, classificado conforme a qualidade (ZERO HORA, 2004).

A diversificação da demanda mundial do couro mudou de forma significativa entre as décadas de 1980 e de 1990, com a participação da indústria de calçados caindo de 70% para 45% no período. Em compensação, artefatos, vestuário e estofamento, que representavam 30% do destino do couro, ampliaram de tal forma sua presença que artefatos e vestuário passaram a participar com 20% e estofamento, com 35% (BRAZILIAN LEATHER, 2004). Exemplo dessa diversificação é a fábrica do Grupo Braspelco, em Itumbiara (MG), inaugurada em outubro de 2003, com investimentos de US\$70 milhões, para produzir couros semi-acabados, acabados, cortados e costurados para as indústrias automobilísticas, moveleira e de estofados. O grupo, quinto maior curtume do mundo, passa a produzir, a partir de outubro de 2004, revestimentos de couro dos bancos da picape Ford Explorer, montada nos Estados Unidos. Além disso, já fabrica no município revestimento dos bancos de couro das montadoras Fiat e General Motors (modelos Blazer, S10, Vectra e Astra) e investiu, recentemente, US\$12 milhões em máquinas e equipamentos para atender às exigências das indústrias que utilizam o couro. Também atende aos maiores fabricantes de móveis da Europa e dos Estados Unidos (DE CHIARA, 2004).

Em função da importância do couro na cadeia de produção dos bovinos e de seu crescente papel na obtenção do superávit comercial brasileiro é que se decidiu desenvolver este estudo, cujo objetivo é analisar a evolução das exportações brasileiras de couro no período 1996-2003, levando-se em conta os estados de origem e os países de destino.

2 - MATERIAL E MÉTODOS

Para se analisar as exportações brasileiras de couro no período 1996 a 2003, foram utilizadas séries de dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

(MDIC/SECEX, 2004).

Adotou-se o Capítulo 41 da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) como critério de classificação do couro. Utilizaram-se as séries de peso líquido (kg) e valores (US\$), deixando de lado as quantidades (número de peças), que foram analisadas com base em dados já classificados e elaborados por entidades da cadeia produtiva.

Como indicação da evolução das exportações, foram comparadas as médias dos quadriênios 1996-99 e 2000-03.

Além de revisão de literatura e busca em diversos sites do setor, foram também utilizadas informações obtidas com especialistas e dirigentes de entidades representativas da cadeia couro-calçadista, através de entrevistas via telefone, pessoais e via correio eletrônico.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

As exportações brasileiras de couro evoluíram de 667,8 milhões de dólares em 1996 para US\$1,06 bilhão em 2003, ocorrendo um aumento de 36,35% entre a média do quadriênio 1996-99 e a do quadriênio 2000-03. O peso líquido evoluiu apenas 8,79%, quando comparadas as médias dos dois quadriênios do período analisado. A relação entre as duas variáveis, representada por US\$/kg, evoluiu 25,00%, devido à maior proporção de couros acabados, com maior valor agregado, em relação ao tipo *wet blue* (taxado em 9% a partir de 2001). Os dados parciais de 2004 (referentes a janeiro a julho) indicam a manutenção da tendência de expansão desse comércio (REVISTA COUROBUSINESS, 2004) (Tabela 1).

3.1 - Exportações Brasileiras de Couro por País de Destino

Em 2003, o principal destino do couro brasileiro foi a Itália, responsável por 29,39% do valor exportado e por 40,29% do peso líquido. O preço médio de US\$2,94/kg é um indício da predominância de produtos pouco processados.

A seguir, aparecem Hong Kong e China que, somados, foram responsáveis por 27,14% do valor e 32,22% do peso líquido das exporta-

TABELA 1 - Exportações Brasileiras de Couro, 1996 a 2004

Ano	Valor (US\$ milhão)	Peso (1.000t)	Preço (US\$/kg)
1996	677,81	208,76	3,25
1997	740,06	216,49	3,42
1998	671,19	227,00	2,96
1999	600,20	204,71	2,93
2000	760,22	204,02	3,73
2001	880,98	223,45	3,94
2002	963,70	241,50	3,99
2003	1.062,00	263,28	4,03
2004 ¹	732,64	188,22	3,89
Média 1996-99	672,31	214,24	3,14
Média 2000-03	916,73	233,06	3,92
Varição %	36,35	8,79	25,00

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.
Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

ções brasileiras de couro, também a preços abaixo da média geral.

O quarto maior comprador do produto brasileiro foram os Estados Unidos, com 8,88% do valor e 2,93% do peso, ao preço médio de US\$12,25/kg, indicando forte participação de couros com maior valor agregado. Entre os importadores mais significativos, apenas Canadá e Cingapura pagaram preços superiores ao americano, enquanto os preços pagos por Portugal, Japão, Holanda, México, África do Sul, Malásia, Coréia do Sul, Uruguai e Tailândia foram superiores à média de US\$4,03/kg e inferiores ao dos EUA. Por outro lado, Itália, Hong Kong, China, Taiwan e Espanha ficaram abaixo da média (Tabela 2).

As importações italianas de couro brasileiro cresceram 69,62% no valor (com aumento de 25,23% em sua importância relativa), 28,30% no peso (aumento de 19,29% na sua participação no total exportado pelo Brasil) e 30,51% nos preços (comparação das médias dos dois quadriênios do período 1996-03). Em toda a série, verifica-se que o máximo de participação italiana ocorreu em 2000, quando atingiu 40,17% do valor e 55,25% do peso, decrescendo a partir daí, pela maior participação de outros países, uma vez que o volume de compras se manteve relativamente estável. Os dados preliminares de 2004 indicam a manutenção do volume físico e o aumento no valor das exportações brasileiras, graças ao aumento dos preços (Tabela 3).

O segundo destino mais importante para o couro brasileiro vem sendo Hong Kong, que

evoluiu da média de US\$99,31 milhões para US\$131,76 milhões (mais 32,68%) e da média de 22,73 mil toneladas para 31,47 mil (mais 38,42%), ambas do quadriênio 1996-99 para o 2000-03. A evolução das médias de preços é positiva (mais 10,26%) entre os dois quadriênios, mas nota-se uma tendência decrescente nos últimos quatro anos, provavelmente indicando maior proporção de couro de menor valor como o *wet blue*. A projeção dos dados iniciais de 2004 (janeiro a julho) permite prever a continuação da grande expansão tanto no valor quanto no volume físico do couro brasileiro exportado para Hong Kong (Tabela 4).

A evolução mais acentuada foi apresentada pelas exportações de couro para a China, que aumentaram 418,06% no valor e 439,81% no peso líquido, a preços que quase não variaram, comparando-se as médias dos dois quadriênios analisados. Com isso, a participação relativa do país asiático evoluiu de 2,09% para 7,39% (mais 254,11%) no valor do couro exportado e de 1,62% para 7,66% (mais 373,66%) no peso líquido. Até julho de 2004, o volume físico das exportações de couro já havia ultrapassado o total de 2003, indicando a continuidade da rápida expansão do comércio Brasil-China (Tabela 5).

Compradores de couros mais elaborados, os americanos vêm mantendo suas importações em torno das seis mil toneladas, o que tem representado apenas algo próximo de 2,7% das exportações brasileiras, mas, graças aos altos preços pagos, suas compras têm representado um valor relativo médio próximo dos 10% do total. E foi exatamente nos preços que se verificou a evolução mais significativa: de US\$10,05/kg para US\$14,73 (mais 46,56%), quando comparadas as médias dos dois quadriênios do período 1996-2003. Por outro lado, a série inteira mostra que os preços cresceram de 1996 a 2001 (quando chegaram a US\$17,09/kg) e decresceram daí para diante. Os dados iniciais de 2004 parecem indicar certa recuperação do mercado americano, com o valor das exportações brasileiras de couro voltando a ultrapassar a barreira dos cem milhões de dólares (projeção para janeiro a dezembro de 2004) (Tabela 6).

3.2 - Exportações Brasileiras de Couro por Estado de Origem

Os Estados do Rio Grande do Sul e

TABELA 2 - Exportações Brasileiras de Couro, por País, 2003

País	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
Itália	312,12	29,39	106,07	40,29	2,94
Hong Kong	171,71	16,17	52,05	19,77	3,30
China	116,47	10,97	32,77	12,45	3,55
Estados Unidos	94,31	8,88	7,70	2,93	12,25
Portugal	47,18	4,44	11,27	4,28	4,19
Canadá	36,31	3,42	2,55	0,97	14,23
Taiwan	25,77	2,43	10,01	3,80	2,57
Japão	24,17	2,28	3,58	1,36	6,75
Espanha	22,41	2,11	6,69	2,54	3,35
Cingapura	22,38	2,11	1,61	0,61	13,88
Holanda	20,90	1,97	2,83	1,07	7,40
México	19,89	1,87	2,18	0,83	9,14
África do Sul	19,61	1,85	3,69	1,40	5,32
Alemanha	19,34	1,82	2,63	1,00	7,35
Malásia	13,62	1,28	1,19	0,45	11,46
Coréia do Sul	12,45	1,17	2,45	0,93	5,08
Uruguai	11,95	1,13	2,47	0,94	4,84
Tailândia	10,16	0,96	2,03	0,77	5,01
Subtotal	1.000,73	94,23	253,76	96,38	3,94
Outros	61,28	5,77	9,52	3,62	6,44
Total	1.062,00	100,00	263,29	100,00	4,03

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 3 - Exportações Brasileiras de Couro, para a Itália, 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	157,15	23,19	69,87	33,47	2,25
1997	168,63	22,79	70,29	32,47	2,40
1998	220,97	32,92	106,90	47,09	2,07
1999	175,55	29,25	94,61	46,22	1,86
2000	305,40	40,17	112,73	55,25	2,71
2001	289,20	32,83	104,75	46,88	2,76
2002	318,41	33,04	114,82	47,54	2,77
2003	312,12	29,39	106,07	40,29	2,94
2004 ¹	195,46	26,68	61,55	32,70	3,18
Média 1996-99	180,57	27,04	85,42	39,81	2,14
Média 2000-03	306,28	33,86	109,59	47,49	2,80
Variação %	69,62	25,23	28,30	19,29	30,51

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 4 - Exportações Brasileiras de Couro, para Hong Kong, 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	88,41	13,04	28,15	13,48	3,14
1997	90,99	12,30	23,05	10,65	3,95
1998	82,36	12,27	16,22	7,14	5,08
1999	78,06	13,01	17,90	8,74	4,36
2000	102,45	13,48	18,20	8,92	5,63
2001	112,25	12,74	21,90	9,80	5,13
2002	140,63	14,59	33,72	13,96	4,17
2003	171,71	16,17	52,05	19,77	3,30
2004 ¹	133,54	18,23	47,62	25,30	2,80
Média 1996-99	99,31	13,06	22,73	10,39	4,13
Média 2000-03	131,76	14,24	31,47	13,11	4,56
Varição %	32,68	9,06	38,42	26,26	10,26

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 5 - Exportações Brasileiras de Couro, para a China, 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	4,46	0,66	1,22	0,59	3,64
1997	13,81	1,87	3,53	1,63	3,91
1998	15,17	2,26	3,58	1,58	4,24
1999	21,41	3,57	5,48	2,68	3,91
2000	23,93	3,15	6,44	3,16	3,72
2001	55,56	6,31	12,13	5,43	4,58
2002	88,20	9,15	23,24	9,62	3,79
2003	116,47	10,97	32,77	12,45	3,55
2004 ¹	112,75	15,39	34,28	18,21	3,29
Média 1996-99	13,71	2,09	3,45	1,62	3,92
Média 2000-03	71,04	7,39	18,65	7,66	3,91
Varição %	418,06	254,11	439,81	373,66	-0,31

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 6 - Exportações Brasileiras de Couro, para os Estados Unidos, 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	52,89	7,80	6,11	2,92	8,66
1997	58,86	7,95	6,24	2,88	9,43
1998	62,36	9,29	5,25	2,31	11,88
1999	69,65	11,60	6,81	3,33	10,22
2000	74,94	9,86	5,17	2,53	14,49
2001	96,34	10,94	5,64	2,52	17,09
2002	105,01	10,90	6,96	2,88	15,08
2003	94,31	8,88	7,70	2,93	12,25
2004 ¹	63,58	8,68	5,03	2,67	12,64
Média 1996-99	74,29	9,76	6,03	2,77	10,05
Média 2000-03	92,65	10,14	6,37	2,72	14,73
Varição %	24,71	3,89	5,68	-1,93	46,56

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

São Paulo são os grandes exportadores de couro, respondendo, em conjunto, por 62,68% do valor total de mais de 1 bilhão de dólares, em 2003, e por 60,15% do peso líquido. Em terceiro lugar, de acordo com o valor, aparece o Ceará que, graças aos melhores preços (US\$8,99/kg, em 2003) entre os principais estados exportadores, alcançou 8,25% do valor remetido ao exterior pelo Brasil, enviando apenas 3,70% do peso líquido. Em situação oposta, apresenta-se Mato Grosso do Sul, com 3,07% do valor e 8,57% do peso comercializado a US\$1,45/kg (Tabela 7).

Remetendo couro com maior valor agregado ao mercado externo, o Rio Grande do Sul aumentou, no quadriênio 2000-03, em 24,15% o valor exportado, quando comparado com o quadriênio 1996-99. Evoluindo menos do que o total nacional, a participação gaúcha caiu 9,04% no período, passando de 37,99% para 34,55%. Em peso líquido, as remessas gaúchas aumentaram apenas 5,05%, ocasionando uma redução de 3,70% em sua participação no total brasileiro. A relação entre os valores e os pesos líquidos evoluiu positivamente em 18,35%, podendo ser reflexo da taxaçoão do *wet blue* e da maior proporção de couro elaborado entre as peças exportadas. Os primeiros dados de 2004 indicam que as exportações gaúchas continuam crescendo, embora em ritmo inferior à média nacional (Tabela 8).

As exportações de couro por empresas sediadas em São Paulo evoluíram com mais intensidade, aumentando de 46,46% no valor (com melhora da participação relativa em 7,72%), de 36,16% no peso líquido (mais 25,46% na participação) e de 6,00% no preço, quando comparadas com as médias quadrienais. As estatísticas parciais de 2004 mostram as exportações paulistas crescendo a altas taxas e aproximando-se do valor das exportações gaúchas (Tabela 9).

A produção paulista de couro evoluiu de 7 milhões de peças, em 1997, para cerca de 10 milhões de peças em 2003, enquanto o faturamento anual passou de US\$437,3 milhões para US\$650 milhões no mesmo período. O setor de curtimento, cuja capacidade instalada de processamento é um pouco superior à produção (11,5 milhões de couros), é constituído de cerca de 70 empresas que ofereceram aproximadamente 4.300 empregos diretos em 2003 (SKLIUTAS, 2004).

Vale destacar o pacote de medidas tributárias, lançado pelo Governo do Estado de São

Paulo, que tem por objetivo aumentar a competitividade de vários setores da indústria. Entre os setores contemplados está o atacadista de couro, cujo Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) é reduzido de 18% para 12% nas vendas para o fabricante de calçados e artefatos de couro. A medida não apenas garante a redução da carga tributária em algumas etapas da produção, como também coloca em prática o diferimento por meio de decreto (WATANABE, 2004).

Com grande evolução nas vendas para o mercado externo, o Ceará ultrapassa regiões brasileiras mais tradicionais e alcança o terceiro lugar (em valor do couro exportado). O Estado saltou de 9,61 milhões de dólares (média 1996-99) para 68,24 milhões de dólares (média 2000-03), ou seja, mais de sete vezes (609,76%). Em termos de peso líquido, a evolução foi menos acentuada (manteve o Ceará atrás de Minas Gerais, Bahia, Paraná e Mato Grosso do Sul), passando de 2,38 mil toneladas para 6,85 mil toneladas (mais 187,93% entre um quadriênio e outro). Essa diferença entre as duas classificações deveu-se à evolução dos preços obtidos no comércio externo de couros pelas empresas sediadas no Ceará. Esses preços quase triplicaram entre os dois quadriênios, atingindo seu pico em 2002, quando ultrapassaram US\$12,00 por kg, caindo bruscamente para menos de US\$9,00 em 2003, comportamento que indica um mercado de grande dinamismo, mas ainda instável. No período de janeiro a julho de 2004, a evolução do volume físico de couro exportado pelo Ceará indica que ele pode chegar ao triplo do resultado obtido em 2003, a preços bem menores (Tabela 10).

A cadeia de couro e calçados tem representado cerca de um terço do valor das exportações cearenses, suplantando largamente têxteis e castanha de caju, nos últimos anos (CIN, 2004). Essa cadeia produtiva vem encontrando forte apoio institucional para instalar novas unidades industriais no Ceará, a exemplo da Vikoro Industrial que, após três anos de incubação, assinou o protocolo que assegura a desincubação da empresa no Par-Tec (Parque Tecnológico) do Núcleo de Tecnologia Industrial (NUTEC). Durante os três anos de incubação, a Vikoro desenvolveu o projeto de utilização de taninos vegetais, extraídos das podas dos cajueiros, em substituição ao cromo para recurtição do couro. A incubadora de empresas Par-Tec é formada a partir de uma parceria entre a Secretaria de Ciência e

TABELA 7 - Exportações Brasileiras de Couro, por Unidade da Federação, 2003

Unidade da federação	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
Rio Grande do Sul	369,05	34,75	72,54	27,55	5,09
São Paulo	296,63	27,93	85,84	32,60	3,46
Ceará	87,65	8,25	9,75	3,70	8,99
Minas Gerais	78,89	7,43	12,45	4,73	6,34
Bahia	57,99	5,46	13,86	5,26	4,18
Paraná	56,79	5,35	18,40	6,99	3,09
Mato Grosso do Sul	32,61	3,07	22,55	8,57	1,45
Santa Catarina	25,87	2,44	5,37	2,04	4,81
Goiás	22,58	2,13	8,10	3,08	2,79
Mato Grosso	14,13	1,33	6,34	2,41	2,23
Subtotal	1.042,19	98,13	255,22	96,94	4,08
Outros	19,81	1,87	8,06	3,06	2,46
Total	1.062,00	100,00	263,28	100,00	4,03

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 8 - Exportações Brasileiras de Couro do Rio Grande do Sul, de 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	239,48	35,33	57,72	27,65	4,15
1997	280,05	37,84	60,47	27,93	4,63
1998	257,70	38,39	55,45	24,43	4,65
1999	242,35	40,38	55,52	27,12	4,37
2000	271,14	35,67	54,38	26,65	4,99
2001	294,44	33,42	53,87	24,11	5,47
2002	331,21	34,37	60,02	24,86	5,52
2003	369,05	34,75	72,54	27,55	5,09
2004 ¹	231,31	31,57	45,04	23,93	5,14
Média 1996-99	254,90	37,99	57,29	26,78	4,45
Média 2000-03	316,46	34,55	60,20	25,79	5,26
Variação %	24,15	-9,04	5,08	-3,70	18,35

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 9 - Exportações Brasileiras de Couro de São Paulo, de 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	179,38	26,46	50,20	24,05	3,57
1997	190,69	25,77	53,15	24,55	3,59
1998	178,70	26,62	63,53	27,99	2,81
1999	141,27	23,54	58,38	28,52	2,42
2000	209,97	27,62	68,73	33,69	3,05
2001	251,21	28,52	76,76	34,35	3,27
2002	252,82	26,23	75,38	31,21	3,35
2003	296,63	27,93	85,84	32,60	3,46
2004 ¹	227,09	31,00	64,97	34,52	3,50
Média 1996-99	172,51	25,60	56,32	26,28	3,10
Média 2000-03	252,66	27,58	76,68	32,97	3,28
Variação %	46,46	7,72	36,16	25,46	6,00

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 10 - Exportações Brasileiras de Couro do Ceará, de 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	9,23	1,36	3,43	1,64	2,69
1997	2,74	0,37	1,26	0,58	2,19
1998	2,69	0,40	1,20	0,53	2,24
1999	23,79	3,96	3,63	1,77	6,56
2000	53,66	7,06	6,36	3,12	8,44
2001	67,38	7,65	5,94	2,66	11,34
2002	64,27	6,67	5,34	2,21	12,04
2003	87,65	8,25	9,75	3,70	8,99
2004 ¹	64,22	8,77	11,47	6,09	5,60
Média 1996-99	9,61	1,52	2,38	1,13	3,42
Média 2000-03	68,24	7,41	6,85	2,92	10,20
Variação %	609,76	385,91	187,93	158,43	198,43

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

Tecnologia do Estado (SECITECE), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Universidade Federal Ceará e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). São também parceiros o Banco do Nordeste, a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas (DIÁRIO DO NORDESTE, 2004).

As exportações mineiras apresentaram-se mais consistentes e muito peculiares. O valor comercializado com o exterior aumentou 51,15%, enquanto o peso líquido caiu 33,08%, com os preços subindo 127,14%, comparado com as médias dos dois quadriênios do período 1996-03. Os dados indicam uma evolução no processamento do couro e a conseqüente agregação de valor ao produto das empresas sediadas em Minas Gerais (Tabela 11).

O rebanho bovino de Minas Gerais, em 2002, segundo dados da FNP Consultoria/Anual-Pec (2002 apud GOVERNO, 2004), era formado por 19,9 milhões de cabeças, cuja taxa de abate anual foi de 22,1%, o equivalente a 4,3 milhões de unidades. Com ampla oferta de matéria-prima, o Estado concentra mais de 22% das empresas de curtimento e beneficiamento de couro, localizadas principalmente nas regiões do Triângulo e Alto Paranaíba. O setor emprega diretamente 9.800 pessoas, faturando US\$132,0 milhões/ano. O Estado processa atualmente 12% de toda produção brasileira de peles, respondendo por 9% do total das exportações de couro, a maioria *wet blue* (semi-acabado).

Novos investimentos dos curtumes na produção e na correção do couro, bem como o esforço dos pecuaristas em melhorar o manejo e a criação de bovinos, têm elevado a competitividade do produto mineiro no mercado mundial, permitindo a ampliação das exportações. Recentemente, o setor passou a fornecer couro inteiro e acabado às indústrias automobilísticas e moveleira, segmentos sofisticados, de grande valor agregado e com expressivo potencial exportador. Essa prática representa grande atrativo para implantação de novos empreendimentos e também modernização dos curtumes de Minas Gerais, que possui ainda mão-de-obra especializada e conhecimento tecnológico em todas as etapas de curtimento e aproveitamento da pele bovina (GOVERNO DE MINAS GERAIS, 2004)

Em escala um pouco menos acentuada, mas ainda forte, a Bahia parece passar pelo mesmo fenômeno mineiro. O valor do couro exportado aumentou 62,05%, enquanto o peso caiu 13,73% e o preço aumentou 81,98%, entre os dois quadriênios. Também aí há indícios de que a indústria baiana evoluiu no processamento do couro. Em decorrência dessas transformações, a participação baiana nas exportações brasileiras de couro aumentou 16,70% no valor, enquanto caiu 13,73% no peso. Os resultados alcançados no período de janeiro a julho de 2004 permitem estimar um significativo salto nas exportações baianas de couro (Tabela 12).

A exemplo do Ceará e outros Estados nordestinos, a Bahia também oferece forte apoio institucional à instalação de indústrias processa-

TABELA 11 - Exportações Brasileiras de Couro de Minas Gerais, de 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	44,43	6,56	20,49	9,82	2,17
1997	51,49	6,96	22,79	10,52	2,26
1998	45,38	6,76	21,80	9,60	2,08
1999	35,72	5,95	15,33	7,49	2,33
2000	46,06	6,06	13,68	6,70	3,37
2001	66,18	7,51	14,59	6,53	4,54
2002	76,43	7,93	13,09	5,42	5,84
2003	78,89	7,43	12,45	4,73	6,34
2004 ¹	38,34	5,23	6,84	3,63	5,61
Média 1996-99	44,25	6,56	20,10	9,36	2,21
Média 2000-03	66,89	7,23	13,45	5,85	5,02
Variação %	51,15	10,32	-33,08	-37,53	127,14

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

TABELA 12 - Exportações Brasileiras de Couro da Bahia, de 1996 a 2004

Ano	Valor		Peso		Preço (US\$/kg)
	US\$ milhão	%	1.000t	%	
1996	29,65	4,37	15,69	2,31	1,89
1997	27,90	3,77	12,56	1,70	2,22
1998	26,04	3,88	16,01	2,39	1,63
1999	16,95	2,82	8,62	1,44	1,97
2000	23,46	3,09	7,24	0,95	3,24
2001	33,55	3,81	11,04	1,25	3,04
2002	47,93	4,97	13,49	1,40	3,55
2003	57,99	5,46	13,86	1,31	4,18
2004 ¹	41,40	5,65	10,15	1,38	4,08
Média 1996-99	25,14	3,71	13,22	1,96	1,93
Média 2000-03	40,73	4,33	11,41	1,23	3,50
Variação %	62,05	16,70	-13,73	-37,33	81,98

¹Período referente aos meses de janeiro a julho.

Fonte: Elaborada com dados básicos do MDIC/SECEX (2004).

doras de couro e calçados. Financiamento de R\$19,8 milhões foi concedido pelo BNDES para apoiar a instalação, no município baiano de Cachoeira, de uma unidade industrial de produção de couro acabado (o couro no estágio mais avançado de beneficiamento), destinado principalmente à exportação. A empresa tomadora dos recursos é a Mastrotto-Reichert, uma *joint-venture* resultante da associação entre a empresa gaúcha Reichert Calçados - a maior exportadora de calçados do Brasil - e a italiana Conceria Mastrotto, que ocupa posição de destaque no mercado mundial no setor de couros para calçados, rou-

pas, veículos, móveis e artefatos. O couro a ser produzido pela Mastrotto-Reichert será utilizado principalmente pelas indústrias moveleira e automotiva. O maior volume de exportações destinar-se-á aos Estados Unidos, seguindo-se as vendas para outros países da Europa, além da Itália (BNDES, 2004).

Segundo o titular da Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial (SU-DIC), Emerson Simões, “com o fornecimento das peles acabadas da Mastrotto para a Italsofa, o estado praticamente fecha todo o processo produtivo do couro dentro de suas fronteiras, desde

a criação e o abate dos bovinos até o tratamento do couro e a fabricação de produtos acabados, como os sofisticados estofados da Natuzzi exportados para os EUA” (GOVERNO DA BAHIA, 2004).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do século XXI, o Brasil caminhou aceleradamente para se tornar o maior exportador mundial de couros. As exportações brasileiras evoluíram de US\$667,8 milhões em 1996 para US\$1,06 bilhão em 2003, podendo ultrapassar US\$1,2 bilhão em 2004.

O principal destino do couro brasileiro vem sendo a Europa, destacadamente a Itália que, em 2003, foi responsável por 29,39% do valor exportado e 40,29% do peso líquido. A seguir aparecem Hong Kong e China que, somados, foram responsáveis por 27,14% do valor e 32,22% do peso líquido das exportações brasileiras.

Mantendo o ritmo acelerado de crescimento em 2004, os países asiáticos devem ultrapassar os europeus no volume físico de couro importado do Brasil. Comparando-se os períodos de janeiro a agosto de 2003 e 2004, verifica-se que as exportações de couro brasileiro aumentaram em 53,69 mil toneladas, das quais 48,43 mil toneladas foram para países asiáticos (exclusive Oriente Médio), e US\$174,57 milhões, dos quais US\$123,25 milhões foram para esses países, liderados por Hong Kong e China.

Os Estados do Rio Grande do Sul e São Paulo são os grandes exportadores de couro, respondendo, em conjunto, por 62,68% do valor total de mais de US\$1,00 bilhão, em 2003, e por 60,15% do peso líquido. Com grande evolução em suas vendas para o mercado externo, o Ceará ultrapassa regiões brasileiras mais tradicionais e alcança o terceiro lugar (em valor do couro exportado). Este Estado saltou de US\$9,61 milhões (média 1996-99) para US\$68,24 milhões (média 2000-03), ou seja, mais de sete vezes (609,76%). Em termos de peso líquido, a evolução foi menos acentuada (mantendo o Ceará atrás de Minas Gerais, Bahia, Paraná e Mato Grosso do Sul), passando de 2,38 mil toneladas para 6,85 mil toneladas (mais 187,93% entre um quadriênio e outro).

Para atender à crescente demanda por couro, tanto para a confecção de calçados quan-

to para revestimento de carros e móveis, diversos estados brasileiros vêm desenvolvendo programas de incentivos, aplicados a toda a cadeia.

“O Programa Brasileiro de Expansão das Exportações de Couro, da Agência de Promoção de Exportações do Brasil (APEX) e do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), identifica que 55% dos problemas/prejuízos encontrados no couro são de responsabilidade dos pecuaristas (do nascimento do animal à sua separação na fazenda para o abate), entre os quais pode-se citar: marca de fogos em todas as regiões do couro; marcas provocadas por ectoparasitos; e riscos abertos e cicatrizados. Os demais (45% de problemas) são provocados no segmento que envolve frigoríficos e curtumes, cujas soluções possibilitam condições de implementação com maior velocidade, entre os quais citam-se: furos de ferrões provocados no transporte e nos currais; riscos provocados por parafusos e pregos em carrocerias; abertura irregular do couro; furos e raias provocados durante o processo de retirada do couro do animal; e defeitos de conservação do couro. As sugestões são no sentido de melhorar a qualidade da matéria-prima couro, com enfoque principalmente nos seguintes problemas: a) Pecuaristas - Eliminação da Marca a Fogo, fora dos locais prefixados por lei e b) Frigoríficos - Melhorar a Qualidade de Esfola do Couro, reduzindo/eliminando defeitos de abertura, raias e furos provocados no mesmo durante a retirada deste do animal” (APEX/CICB, 2004).

Existe uma reivindicação dos criadores para receber uma remuneração pelo couro entregue aos frigoríficos, conforme classificação pela qualidade. Para isso, o presidente do Fórum Permanente de Pecuária de Corte da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Antenor Nogueira, tem inclusive uma proposta de tabela. Seriam estabelecidos três níveis de qualidade do couro com valor crescente, de R\$7,00, R\$11,00 e R\$15,00 por peça. A aplicação imediata de um programa nesse sentido incentivaria o produtor a cuidar da qualidade do couro, evitando marcar o gado a ferro, combatendo parasitas como berne e carrapato e cuidando melhor do transporte dos animais. Se o criador não tem incentivo, os frigoríficos já recebem um diferencial de R\$0,10 por quilo do couro cuja peça tiver qualidade acima da média, de acordo com o presidente do CICB, Amadeu Pedrosa (ZERO HORA, 2004).

Os curtumes estão tentando criar uma sistemática para remunerar o pecuarista, segundo Alberto Skliutas, diretor do Sindicato das Indústrias de Curtimento de Couros e Peles no Estado de São Paulo (SINDICOURO). Entre as iniciativas de remuneração pela qualidade, destaca-se a da Braspelco, que, a partir de 1998, paga os frigoríficos pela qualidade da matéria-prima na expectativa de que o benefício seja repassado ao pecuarista. No entanto, o couro acaba sendo nivelado pela média, ou seja, o frigorífico não oferece maior bonificação pelo produto de melhor qualidade, nem vice-versa, conforme Arnaldo Frizzo Filho, diretor superintendente da Braspelco. Já o Curtume Independência, com abate diário de 2.500 cabeças em suas unidades em Nova Andradina, Anastácio e Campo Grande (MS), adotou o Programa de Controle de Qualidade de Couros em 2000. Com capacidade de processar quatro mil peles por dia, a empresa trabalha em integração com pecuarista e frigorífico, o que per-

mite remunerar a qualidade com base numa tabela válida até dezembro de 2005, que varia de R\$22,50 por couro de primeira e segunda até R\$1,13 couro de sexta categoria (MELO, 2004).

A CNA deve trabalhar para que os frigoríficos remunerem o couro de acordo com uma classificação por qualidade. Além disso, é preciso manter o cronograma de eliminar o “confisco” sobre o pecuarista gerado pelo imposto sobre o *wet blue*, estimado em 10% da produção nacional, o que equivale a 3,5 milhões de peças. Esse “confisco” pode chegar a 15% por causa da forma de cálculo do Imposto de Exportação (no valor FOB), que reduz o preço da matéria-prima para a indústria nacional e transfere a diferença, em forma de perda, principalmente para o pecuarista. Assim, o produtor recebe menos pelo couro, embora não se dê conta disso porque não recolhe diretamente o imposto e não tem estímulo para melhorar a qualidade (HAFERS, 2004).

LITERATURA CITADA

AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES - APEX/CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL - CICB. Programa brasileiro de expansão das exportações de couro. Disponível em: <http://www.brazilianleather.com.br/pdf/2_proj.pdf>. Acesso em: 01 out. 2004.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO - BNDES. **BNDES apóia projeto que produzirá, na Bahia, couro acabado para exportação.** Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/noticias/not487.asp>>. Acesso em: 21 set. 2004.

BRAZILIAN LEATHER. **Destino do couro curtido:** mundo. Disponível em: <<http://www.brazilianleather.com.br/index.asp?idioma=1&canal=conteudo&IDSubMenuN1=10>>. Acesso em: 27 ago. 2004.

CENTRO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS DO CEARÁ - CIN. **Ceará em COMEX 2002.** Disponível em: <<http://www.sfiac.org.br/comex/export2002.htm>>. Acesso em: 23 set. 2004.

DE CHIARA, M. O Brasil bate os EUA na exportação de couro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 ago. 2004.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Empresa faz parceria com órgãos de fomento.** Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=76127>>. Acesso em: 23 set. 2004.

GOVERNO DA BAHIA. **Mastrotto/Reichert e Italsofa consolidam a cadeia do couro na Bahia.** Disponível em: <http://www.agecom.ba.gov.br/exibe_noticia.asp?cod_noticia=3215>. Acesso em: 21 set. 2004

GOVERNO DE MINAS GERAIS. **Perfil de Minas Gerais - principais setores:** couro. Disponível em: <<http://www.indi.mg.gov.br/perfil/setores/couro.html>>. Acesso em: 21 set. 2004.

HAFERS, L. **Imposto de exportação sobre o wetblue é confisco.** São Paulo, 2004. Entrevista concedida a José Venâncio de Resende.

MELO, B. Setor de couro quer agregar valor às exportações. **Suplemento Agrícola de O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 jul. 2004.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC/SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX. Disponível em: <<http://www.aliceweb.mdic.gov.br>>. Acesso em: ago. 2004.

REVISTA COUROBUSINESS, v. 4, n. 34, maio/jun. 2004. Disponível em: <www.courobusiness.com.br>. Acesso em: 09 set. 2004.

SKLIUTAS, A. **Panorama do setor de curtimento no estado de São Paulo**. São Paulo: SINDICOURO, 2004. Entrevista concedida a José Venâncio de Resende.

WATANABE, M. São Paulo amplia lista de setores com redução de ICMS. **Valor Econômico**, São Paulo, 22 set. 2004. Caderno A, p. 3.

ZERO HORA. **Qualidade do couro em debate**. Disponível em: <www.globorural.globo.com>. Acesso em: 14 set. 2004.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE COURO, 1996 A 2003

RESUMO: O artigo analisa a evolução das exportações brasileiras de couro, de 1996 a 2003, segundo os países de destino (Itália, Hong Kong, China, Estados Unidos e outros) e segundo os Estados de origem (Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará, Minas Gerais, Bahia e outros). Nesse período, o Brasil tornou-se o maior exportador mundial de couros. Para atender a essa crescente demanda e também ao mercado interno, tornou-se essencial melhorar a qualidade do produto, reduzindo-se as perdas ao mínimo, tanto no âmbito dos pecuaristas quanto dos curtumes.

Palavras-chave: couro, exportações.

BRAZILIAN EXPORTS OF LEATHER, 1996 TO 2003

ABSTRACT: The article analyzes the evolution of the Brazilian exports of leather, from 1996 to 2003, per destination countries (Italy, Hong Kong, China, United States and other) and per origin states (Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará, Minas Gerais, Bahia and other). In this period, Brazil became the world's largest leather exporter. To meet the increasing external demand, as well as the domestic demand, the need to improve the quality of the product became apparent. Losses were reduced to a minimum within the scope of both cattle farmers and tannery industries.

Key-words: leather, exports.

Recebido em 13/10/2004. Liberado para publicação em 14/10/2004.